

O POVO DE BRAGA

JORNAL POLITICO, RELIGIOSO E LITTERARIO

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS

Redactores o Bacharel J. A. Gomes Pereira e J. Leite.

N.º 15

Preço d'assignatura
Anno 1\$500 rs., semestre 900 rs.
e trimestre a findar em 30 de junho 500 rs. Os artigos assignados são extranhos á redacção.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Administrador do Jornal, O POVO DE BRAGA, Typographia Lealdade, Rua de Jano. Vende-se por 40 rs. em todos os Kiosques da cidade.

Preço dos annuncios

Por linha..... 20 rs.
Repetição..... 10 .
Communicados 20 .

1880

EXPEDIENTE

Deixou de ser proprietario e administrador d'este jornal o ill.^{mo} sr. Manoel Joaquim de Castro Loureiro. Toda a correspondencia deve ser dirigida segundo a indicação do nosso jornal.

Áquelles srs. a quem tomamos a liberdade de enviar o nosso jornal, e o não queiram receber, pedimos o obsequio de o devolver a esta redacção, para assim podermos regularizar os nossos trabalhos: caso o não façam, contal-os-hemos em o numero dos nossos assignantes.

BRAGA 15 DE JUNHO

Entendemos que era indispensavel para exacto conhecimento do que se passou no parlamento, a respeito da interpeção do sr. Oliveira do Valle, publicar o brilhante e conceituoso discurso, que a este proposito proferiu o ex.^{mo} sr. dr. Pires de Lima, ex-vigario capitular de Aveiro.

Pedimos venia ao illustre parlamentar para acompanhar o seu judicioso e elevado discurso de algumas observações que a sua leitura nos suggerio.

Não temos em vista com essas modestas notas, diminuir o grande merecimento do discurso, mas unicamente levantar um pouco mais o relevo a alguns pensamentos expostos por s. ex.^a.

O alto conceito que formamos do saber e da prudencia do distincto orador, o sr. dr. Pires de Lima só nos obriga ao mais profundo respeito e nunca a pertenciosos censores.

Conhecemos ha muitos annos o distincto ornamento da facultade de theologia, o sr. dr. Pires de Lima para nos abalançarmos a corrigir-lhe periosos, ou a fazer reclamações ás suas phrases.

Devemos esta explicação a sua ex.^a, por antiga sympathia e justificado respeito.

Vae pois, no logar competente o discurso do sr. Pires de Lima, que se refere á interpeção do sr. Oliveira do Valle.

Ao sr. ministro da justiça

Promettera o sr. Adriano Machado perante os representantes do paiz, na sessão de 21 de abril, que—havia de examinar as arguições feitas ao prelado bracarense para prover como fosse justo: que havia de

examinar os documentos que ali se apresentaram: e depois, se houvesse alguma irregularidade cuja emenda coubesse ao poder executivo, (apostrophara o illustre ministro) creia v. ex.^a que ha de ser emendada.»

Ora, tendo decorrido quasi dous mezes depois d'uma tão solemne declaração, estando agora o parlamento fechado, e porisso s. ex.^a mais desprendido dos momentosos interesses que ali o chamavam, parece-nos ser agora occasião oportuna para perguntar ao nobre ministro: 1.^o—Julga s. ex.^a que tem sido regular a administração do sr. arcebispo de Braga?

2.^o—No caso negativo, que providencias tomou o illustre ministro para que cessem essas irregularidades?

Por aqui, continua tudo no mesmo estado!

O sr. dr. Egydio d'Azevedo, e a «Aurora do Cavado»

Em tom plangente e lamuriante, appareceu-nos ahi ha dias no «Commercio do Minho», o sr. dr. Egydio d'Azevedo, dignissimo legado á latera de s. ex.^a rev.^a, protestando contra uma apreciação que a «Aurora do Cavado» publicação de Barcellos, lhe fizera a um livro alcunhado de *Esriptos Religiosos*, que s. rev.^{ma} acaba de publicar, e o qual vae artisticamente distribuindo pelo clero d'esta vasta archidiocese, mediante a taxa convencional de 500 reis por cada volume.

Não temos ainda o gosto de ver essa piedosa publicação, embora já d'ella tenhamos favoraveis impressões, pela graciosas e odorantes recommendações, que d'ella já fez o «Commercio do Minho.»

Pelos modos o tal livro do sr. Egydio se não foi escripto com o malicioso intuito de obscurecer a Imitação de Christo, escripto por um celebre galego (a) Tamaz Kempis, dizem que o parece.

Nada sabemos a tal respeito, porque repetimos, ainda não vimos o livro, e estamos resolvidos a aceitar a beneficio d'inventario certas informações, porque n'esta cidade ha ultimamente tanta intriga, que facilmente nos poderiamos convencer de que o sr. Egydio d'Azevedo tivesse realmente aquella ferocissima lembrança, ao dar á luz o seu beatífico preparado religioso.

Mas o que realmente nos indignou, foi o procelimento da *Aurora do Cavado* vir intrometer-se com o livro, e de mais a mais, chamar *vaidoso* ao sr. D. João Chrysostomo.

Isto não se escreve; isto é um crime de lesa magestade archiepiscopal; isto só um inimigo da religião, um impio ou um pe-

(a) E' frequente entre mntos *eruditos* de Braga tomar por galego, todo o sujeito que não falla portuguez, ou tem nome estrangeiro, porisso relevem a bernardice, que é indigena.

dreiro livre, é que teria audacia de escrever, e a coragem de publicar.

Mas deixemos o modestissimo e humilde prelado, e vamos ao sr. dr. Egydio.

Não, senhor critico de Barcellos, o livro do preclaro escriptor Egydio d'Azevedo, deve ser um modello de linguagem, um primor de estylo, mais classico do que Fr. Luiz de Sousa, e mais magestoso que uma harmonia Bethovem ou uma missa de *requiem* de Verdi.

Pensa naturalmente o insoffrido Juvenal de Barcellos, que o livro do sr. dr. Egydio merece critica? Enganou-se redondamente. A critica serve para discutir e apreciar homens como *Magister Loudovicus*, ou *Magister Simonides*, cujo merecimento real e verdadeiro ha 23 annos, para ahi foi contado em fina linguagem n'am livro que tem por titulo *Folhas ao Vento*, por um distincto advogado dos auditorios de Barcellos; mas não para o singello e platonico secretario do sr. arcebispo primaz, por s. rev.^{ma} não ser escriptor que possa soffrer semelhantes irreverencias, nem consentir que da margem direita do *Cavado* lhe venham por entre sorrisos maganos, tomar logo na «Aurora» contas das suas muito amadas e muito queridas locubrações.

O livro do sr. dr. Egydio tem seu largo futuro; como s. rev.^{ma} afirma, elle está repassado da mais lustrosa unção religiosa; e até segundo nos consta, dizem que para desfazer as illusões da vida, e mergulhar as almas nas contemplanções da morte, é mais effizaz do que o xarope de James do sr. Pedro Franco, contra as tosses, ou a pomada de Galliano, contra as escrophulas.

E assim deve ser. Porque se o estylo é o homem, e o livro a exteriorissação do pensamento, é claro que poucos escriptores da actualidade ha por ahi com mais fio para estas letras asceticas, do que o sr. dr. Egydio d'Azevedo.

A palidez do seu rosto, o macerado das suas faces, os circulos asulados que lhe cintam os olhos morbidos, o alquebrado das forças, a sua magresa e o seu visivel abatimento fisico, claramente accusam no sr. Egydio d'Azevedo, o uso fructuario d'um corpo martirisado pelos cilicios e esfomeado pelos jejuns.

Ora estes originaes não cogitam senão na hora terrivel do passamento, nas illusões da vida e na mistica contemplanção da bem-aventurança.

Por isso, mal andou o implacavel critico de Barcellos, em perturbar os extasis melancolicos mas suaves d'este austero eremita. Deixe-o; não lhe bula, não venha perturbar o celeste enebriamento d'este piedoso escriptor que tem d'humano o gesto e a fôrma, porque tudo o mais é intangivel e subtil como ether.

E se as nossas vozes tiverem a felicidade de echoar pelas paragens, que guardam pelo norte as vetustas ruinas do castello dos condes de Barcellos, pedimos aos habitantes d'ellas que nunca mais tornem a chamar vaidoso ao sr. D. João Chrysostomo, porque semelhante asserção parece accusar

uma falta de memoria muito para estranhar. Quem teve junto de casa por quasi tres dias, o prelado bracarense, quem talvez jantasse em companhia de s. ex.^a rev.^{ma}, deve saber, que jamais houve no episcopado bracarense, pastor mais humilde, e mais economico que s. ex.^a. Lembremos ao illustre critico de Barcellos, que s. ex.^a rev.^{ma} nem sequer visitou os estabelecimentos de caridade d'essa villa, para não expor a sua proverbial modestia ao risco de lhes assignar a sua passagem por ali, com algumas esmolos.

Esta é que é a verdade.

N'um artigo da «Religiosa» escripto segundo consta, por s. ex.^a rev.^{ma}, em que por occasião do tricentenario de Camões, se recordam os feitos illustres dos portuguezes na India, trata-se a classe ecclesiastica com toda a deferencia e anabilidade, e mais de uma vez se appela para o «honrado e brioso clero d'esta cidade, etc., etc.

Notamos esta differença de linguagem, e mais ainda a revolução operada nas opiniões e sentimentos do primaz das Hespanhas.

Outr'ora era o clero tratado com rigor, desprezo e sobrançeria: uns eram insultados, outros opprimidos, e os restantes haviam de se conservar mudos e reverentes, se não quizessem ser alvo da intriga, da espionagem e da oppressão.

Dissera algures o sr. D. João Chrysostomo: «que já em antes de chegar a Braga, sabia que o clero se dividia em duas partes; uma era a dos devassos, outra a dos ignorantes!»

Felizmente s. ex.^a parece ter mudado de opinião.

Folgamos que assim aconteça, e que o primaz das Hespanhas abra os olhos, para não continuar a ser desgraçadamente illudido pelas argucias, intrigas, e maquinações d'um falso jezuita, que muito á puridade se gaba de ter descoberto o segredo de dominar a vontade do sr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa!!!

Dezapareça d'uma vez para sempre, d'esse paço archiepiscopal, a intriga baixa e mexerico vil: affaste s. ex.^a rev.^{ma} para longe de si, esse seraphico e torpe especulador, que tão santamente tem enruldilhado esse clero, e tanto tem contribuido para os ultimos desgostos do illustre prelado bracarense.

Governe s. ex.^a rev.^{ma} desassombradamente o seu rebanho. Inspire-se nos doces sentimentos do amor e da benignidade. Lembre-se que esse baculo que impunha curvo e flexivel é symbolo da benignidade e da mansidão.

Mostre s. ex.^a rev.^{ma} que é ministro do Deus de paz e amor, e depois gosará também d'essa tão doce paz e d'esse amor reverente de todo o clero, cujo elevado character folgamos que s. ex.^a já reconheça.

FELICITAÇÃO

Uma commissão de doze ecclesiasticos foi no dia immediato ao da sua chegada complimentar o ex.^{mo} sr. dr. Penha Fortuna, e agradecer-lhe a defeza que tomara no parlamento das accusações feitas ao ex.^{mo} prelado diocesano.

Diz o *Commercio do Minho* que aquella commissão fôra como representante do clero, e que n'essa qualidade fôra recebida pelo digno deputado por este circulo, com a sua reconhecida amabilidade.

Não podemos deixar passar sem reparo esta verdadeira comedia dos favoritos do sr. D. João Chrysostomo, para que não passe em julgado a errada e falsissima asserção de que aquella commissão representava o clero.

Os membros d'ella representavam unica e exclusivamente as suas pessoas, e nada mais.

Algum dos *athachés* mais predilectos do prelado, e que não cessam de o intrujar, lembrou-se querer também intrujar os habitantes d'esta cidade, e o sr. Penha fortu-

na, e por isso tomou o expediente correto de chamar para junto de si meia duzia de sacerdotes, que o acaso lhes depa-rou, e reunidos todos em gracioso grupo dirigiram-se pelas 6 horas da tarde, a casa do sr. Penha Fortuna, a representarem diante d'elle o mesmo papel que o heroe desempenha junto do rei, quando lhes vae offerer as bandeiras inimigas, que elle só viu depois que os soldados lh'as puseram nas mãos.

Pois o clero d'esta archidiocese, ou da camara ecclesiastica de Braga, foi porventura consultado para delegar nos membros da commissão ou em alguns d'elles o mandato das felicitações, que elles a seu bel prazer engendraram, e apresentaram ao sr. Penha Fortuna, com esse ridiculo aparato, que ali foi presenciado por toda a cidade?

Onde está o documento que acreditava perante o sr. Penha Fortuna, esses imaginarios deputados do clero bracarense?

Deixem-se de mascaradas, e quando as queiram exhibir, tenham ao menos bom gosto: comprehendam os papeis, e desempenhem-nos de modo, que a travez dos *costumes* que adoptarem não sejam immediatamente mortos.

Diz o «Commercio do Minho» que o sr. Penha Fortuna, na sua resposta disse, que havia recebido cartas d'alguns prelados a comprimental-o pela sua defeza.

O sr. Penha Fortuna, ha de permittir-nos que acreditemos na sua palavra honrada depois de ver essas cartas.

Por enquanto não podemos crer nas suas asserções.

Conhecemos de nome quasi todos os prelados do Reino, e pessoalmente alguns, com quem o sr. Penha Fortuna tem relações, e desde já apostamos um jantar no Bom Jesus do Monte, em como de nenhum d'estes recebera o sr. Penha Fortuna complimentos, pela sua mais que infeliz defeza.

Olhe sr. Penha Fortuna, nós todos ainda nos havemos de rir muito com todas estas intrujas, e estamos convencidos de que o sr. Penha Fortuna ha-de ser por ultimo o que menos se ha-de rir, se não chorar.

Não tome este prognostico á conta de ameaças que o não é, nem nós sabemos ameaçar; mas como não estamos resolvido a andar no meio de mistificações heroi-comicas, vamos dizendo as verdades, como nos parece que ellas são, confiadnos no futuro, que nos parece que não se ha de demorar muito, e então veremos quem foram os espertos, e os que lucraram em todo este ridiculo jogo.

?

Promettemos no penultimo numero d'este semanario informar os nosso leitores a respeito d'uma celebre meada, em que então diziamos que andavam enredados dous professores do seminario de S. Pedro, um do curso superior e outro do secundario.

Não nos foi possivel ainda até hoje apurar toda a verdade n'esta pendencia, sabemos apenas que são dous e não um, os professores do curso secundario que n'ella estão envolvidos.

A avaliar a questão pela respeitabilidade, honradez e competencia d'esses dous professores, desde já podemos dizer que o tal sr. professor de theologia no seminario, promotor e author da tal embrulhada, desmereceu-o muito no conceito em que o tinhamos, e ver-nos-hemos obrigados a ser severos com elle; porque esta cidade é bastante grande para não admittir regulos pigmeus.

Em breve tiraremos todo o veu em que ainda involvemos esta baixa em-

brulhada, e declaramos que havemos de ser severos mas imparciaes e justos.

?

Saber-nos-hão explicar que intrigas piedosas, ou exageros de devoção andam por ali a perturbar a piedade e religiosas intenções da commissão administradora das obras do Sameiro?

Queixam-se muitos dos respeitabilissimos membros d'aquella commissão do genio atrabiliario e despotico d'um seu confrade: queixa-se o honrado e muito digno thesoureiro, o illm.^o sr. Antonio José Vieira Machado, de que, apesar das esmolos augmentarem, o dinheiro se evapora e não chega ás suas mãos: queixam-se alguns devotos que tem offerecido prendas de valor, á Virgem Immaculada, de não saberem o paradeiro d'esses objectos offertados.

E nós sem nos queixarmos de nada, sem querermos lançar a menor suspeita em nenhum membro d'aquella respeitavel e devota commissão, e só e unicamente com o intuito de que se não desencaminhem as esmolos offerecidas para as obras d'aquella monumento, perguntamos de novo:—que piedosas intrigas são essas que para ali se levantaram, contra um membro da commissão?

SPECIMENS D'ADHESÕES

9.º SPECIMEN

Este é do rev.^o abbade de S. João da Cova, que acolitado pelo seu parochiano o rev.^o João Antonio dos Santos Soares, vieram todos dois de hyssope e caldeirinha denunciar que fôra o espirito satanico de Belzebut, quem revelara todas as accusações feitas ao sr. D. João Chrysostomo.

Vade retro Satanaz! Pois então foi o espirito maligno quem denunciou aos ex.^{mos} srs. Rodrigues de Freitas, e Oliveira do Valle as gentilezas do prelado bracarense? Não acreditamos, é falso.

Se assim fosse o sr. Penha Fortuna, que presidente aposentado da Associação Catholica, não era capaz de occultar ao parlamento on-le botou uma fallas de fazer vir a lagrima ao olho.

Estão enganados amaveis clerigos: a tal *satanica guerra*, (sem cacafonia) de que falam, não é obra do diabo, antes o fôra; porque então o sr. Penha Fortuna, que segundo nos affirmam também é clerigo *in minoribus*, não se esqueceria de se ativar a elle com os *abrenuntios* do estilo, e a estas horas já o diabo e as suas lembranças estariam por ali dentro do redenho d'algum poreo, ou no folle de algum eleitor do circulo de Braga. Nada, o espirito endiabrado não se mette a escrever letra redonda, nem se introduz nos typos das imprensas.

Isso foi tempo, hoje está tudo muito mudado cá por Braga.

Ora se ss. ex.^{as} rev.^{mas} nos dissessem que o tal demonio andou ali um pouco avindo com a typographia da Porta Nova, quando, quem Deus levou, o sr. José Maria, imprimia umas poesias *celebres* de Bocage, isso já nos fazia calar; mas hoje não, hoje todos esses typos estão sanctificados pela impressão da defeza do sr. arcebispo, e pela publicação das intrigas religiosas do sr. dr. Egidio d'Azevedo.

Por Deus senhor abbade! deixe lá o demonio espolhar-se nas profundas do inferno, e deixe-nos divertir a escrever estes *specimens* que tanto deleitam os nossos leitores, e tantas consolações tem causado ao seraphico *Monsenhor de Mantelona e Pompa*.

Ahi vae para edificação dos fieis, e illustração do clero o protesto de mais um par de clérigos.

«Os abaixo assignados, como catholicos e subditos obedientes do Ex.^{mo} e Revm.^o Sr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, dignissimo arcebispo primaz, maguados da injusta e satanica guerra, que a impiedade lhe tem movido na imprensa e no parlamento, adherem de todo o seu coração ao protesto feito pelo corpo docente do Seminario Conciliar bracarense. E porque esses filhos degenerados da Roma portugueza, e outros taes, que partilham semelhantes idéas, tem odio fidal ao clero, e o desejam ridicularisar, principiando seu malevolento intento pelo príncipe d'esta diocese, os abaixo assignados, querendo mostrar aos detractores de s. ex.^a rev.^{ma} que suas iniquas arguições desagradam a toda a gente, que tem amor a Deus, e respeito ás leis ecclesiasticas, novamente protestam contra essas aleivosias, que offendem o inclito Prelado.»

Então que nos dizem a esta nova peça de litteratura?

Reverendos, aqui não ha odios figadaes, nem desejos da redicularisar ninguém, aqui respeita-se toda a gente; mas quando nos apparecem originaes como ss. rev.^{mas}, não podemos conter o nosso bom humor, e brincamos com elles sem animo hostil.

Olhem reverendissimos, aqui não ha filhos degenerados, todos os collaboradores d'este obscuro jornal, são filhos legitimos, baptisados e crismados, eleitores e elegiveis, e não nos consta que nem um d'elles deixasse de ser vaccinado em creança.

Por isso não torne a injuriar a quem nunca lhe fez mal.

Por ultimo lembramos a ss. rev.^{mas} que se tiverem algum tempo disponivel venham até Braga estudar um pouco de portuguez para saberem protestar no futuro sem asneira.

E agora é occasião de aproveitar alguma cousa n'estes estudos, por que já está n'esta cidade, e com tenção de se demorar o homem, que descobriu a conversão dos particípios do preterito em oração do presente. Venham pois.

10.º SPECIMEN

«Não, não é a nossa voz, despida de auctoridade, que ha-de vir ao tribunal da opinião publica defender o illustre prelado bracarense. Se o seu egregio nome podesse tornar-se susceptivel de mancha, outras penas, outras competencias, soldados valentes e disciplinados, levantariam por mais tempo o guante, e acceitariam o repto...»

«Não. O credito do inclito e venerando Antistite não soffrerá, a despeito dos golpes de mão traçoira e sacrilega...»

«Se é o amor á sciencia, que torna o organismo irrequieto, febricitante, e que, qual Ethna, fremente, irrompe em creadoras torrentes da lava mais pura, viva, fecunda, regeneradora, então no parlamento abre-se vasto campo de discussões, onde se podem tratar questões transcendentes, de maximo interesse social; ali se pôde tropejar, pompear, brilhar com todas as galas da eloquencia, sem que se desça ao estrado, onde brincam as creanças, sem que se tratem questões pessoas, sem que se discutam materias estranhas, que não são da attribuição do parlamento.»

«Agro bom (concelho d'Alfandega da Fé), 30 de maio de 1880.»

«O parochio — Francisco Antonio Manso.»

Bravo! bravissimo! reverendissimo Manso! Quem como v. s.^a, sabe n'esse ultimo periodo, tamborilar a lingua portugueza, é modesto de mais dizendo que «não tem voz autorizada perante o grande tribunal da opinião publica.»

Tem, sim senhor! E nós colocamol-o de hysope a caldeirinha ao lado direito do sr. Rozalino Candido, que tambem é padre mestre n'estas cousas.

Diz o rev.^o padre Francisco que «o nome do sr. arcebispo é egregio, e não susceptivel de ser manchado.»

Concedemos a primeira parte, mas negamos a segunda.

A sagrada pessoa do sr. arcebispo, (sal-

vo o muito respeito que lhe é devido) é, na sua denominação, uma especie de hotel das quatro nações, que dá entrada ao galego, — ao portuguez, — ao grego — e ao judeu.

Dom é um qualificativo galego. João um nome portuguez que pôde ser manchado ou engrandecido, segundo o merito ou demerito da pessoa a quem designa. Chrysostomo é um nome grego: e nós de grego nada pescamos.

E finalmente, Amorim e Pessoa são nomes judaicos, que ainda hoje andam communmente nos descendentes dos chamôrros ou christãos novos, mas não nos nobiliarios da raça proscripta.

Ao ultimo periodo do protesto de s. ex.^a rev.^{ma} não responderemos nós, porque receamos aproximar-nos dos Ethnas frementes, e ficarmos sepultados debaixo d'essas lavas as mais puras das bernardices as mais vivas, fecundas e regeneradoras do reverendo parochio de Agro bom.

Esse periodo é um monumento de litteratura; e porisso nós offerecemol-o de novo ao sr. arcebispo primaz, para ser devidamente apreciado pelo seu secretario, o sr. dr. Egilio d'Azevedo, autor dos escriptos religiosos, e litterat de pólpa, na phrase do «Commercio do Minho.»

O sr. dr. Egydio é um homem das Arabias, e capaz de contemplar-o da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita; subir á cupula, e depois, depois... descer á base.

Se o fizer, erit mihi magnus Appolo!

NOTICIARIO

Novo jornal

Recebemos e agradecemos os primeiros numeros do jornal que, na pitoresca e importante villa de Monsão, começou a publicar-se com o titulo de *Monsanense*.

Em phrase correcta e com ideias elevadas, os dous primeiros numeros que recebemos dão a medida do programma do jornal e da seriedade e aptidão dos seus redactores.

Dezemos, pois, ao novo collega longa vida e immensas felicidades.

Commercio de si mesmo

O *Commercio do Minho* que em harmonia com o seu nome e com o seu programma dixeria ser o primeiro a advogar os interesses e apreciar as resoluções da Associação Commercial d'esta cidade, nada nos diz a respeito da ultima assembleia geral d'aquella respeitavel corporação, e passa por cima d'estas cousas como gato por cima de brazas.

Ora, nós é que nos não queremos introduzir nas attribuições do collega: e muito desejamos que a folha da Porta Nova não fosse apenas = o *Commercio de si mesmo* = ou então em pecaminosa simonia, o = *Commercio* com o sr. arcebispo primaz.

CAMARA DOS DEPUTADOS

SESSÃO DE 23 DE ABRIL DE 1880.

(Discurso do sr. Pires de Lima.)

Já que estou com a palavra, aproveito a occasião para dar á camara e ao sr. Oliveira Valle, a quem n'este momento agradeço as phrases extremamente benevolas com que me distinguu na ultima sessão, e que sinto não ver presente, mas que provavelmente ha de ter conhecimento do que vou dizer pelo *Diario da camara*, algumas explicações que julgo necessarias; explicações

que eu queria dar na sessão de quarta feira, mas que v. ex.^a ou antes o regimento d'esta casa me prohibiu de apresentar n'aquella occasião.

Não insisti então pela palavra, apesar de confiar muito na benevolencia da camara, porque a hora já ia muito adiantada, a assemblea estava muito fatigada, e estas explicações podiam dar-se então ou podiam dar-se n'este momento em que estou falando.

Havia eu pedido a palavra na interpeção annunciada pelo sr. Oliveira Valle, e este meu prezado amigo entendeu que eu queria defender o illustre prelado bracarense

Enganou-se, porém, o illustre deputado, porque eu nem o queria defender nem o queria atacar.

Quanto a mim a interpeção, especialmente com a generalidade com que foi formulada e desenvolvida n'esta casa, era deslocada, era impertinente, era impropria d'este lugar. (a)

Nós, representantes do povo, não somos competentes para decidir se é boa ou se é má a administração do illustre prelado bracarense, e o que se discutiu n'este lugar foi precisamente a regularidade ou irregularidade d'essa administração.

Discutiu-se talvez mais do que isso, por que, se a memoria me não engana, o illustre prelado bracarense não foi aqui somente apreciado como funcionario ecclesiastico. (b)

O diploma que eu tenho, e que me permittiu o ingresso n'esta casa, em tudo igual aos diplomas que o povo conferiu ao sr. Oliveira Valle e ao sr. Rodrigues de Freitas, apenas me dá competencia para vigiar os actos que o governo praticar por si ou pelos seus delegados, e o illustre arcebispo de Braga não é delegado do governo, nem o poder e jurisdicção que exerce são emanação do poder e jurisdicção que possa ter e sr. ministro da justiça ou qualquer dos seus collegas no gabinete.

E' grande a responsabilidade ministerial, e não me parece nem justo nem conveniente que nós a alarguemos, dando-lhe proporções mais amplas do que ella realmente tem.

A camara electiva não é convenção nacional em que cada representante do povo seja juiz para julgar em primeira e ultima instancia, e juiz para julgar ausentes,

(a) Pedimos licença ao illustre orador para dizermos, que nem fóra deslocada nem impropria do parlamento a interpeção do sr. Oliveira do Valle. Os excessos e desvarios do prelado bracarense podiam ser apresentados na camara dos dignos pares, e n'essa assembleia onde naturalmente deviam ser discutidos; podiam tambem ser entregues ao poder judicial, e d'este seguirem para a camara alta; era isto o mais regular, mas por que não compareceu no parlamento o sr. arcebispo de Braga, e não destruiu ahi as accusações que a imprensa lhe fazia? Porque não foi confundir os seus inimigos? Porque é impossivel: e porque a s. ex.^a rev.^{ma} sobram coragem e audacia para encarar as pesadas accusações que lhe foram feitas, e das quaes ainda se não emendou.

(b) Se houve, como cremos, fidelidade nos tachygraphos, o sr. arcebispo de Braga só foi apreciado como funcionario ecclesiastico, e n'este caso era tribunal competente a camara dos srs. deputados: se na sua replica o sr. Oliveira do Valle teve necessidade de apreciar os actos oratorios, a sciencia e as virtudes do sr. D. João Chrysostomo, foi a isso obrigado pelas exagerações do sr. Penha Fartuna, que teve a indisculpavel ousadia, de não só insultar a memoria do sr. D. José Joaquim d'Azevedo Moura, de quem recebeu sempre atenções e favores, mas ainda de querer elevar até fr. Caetano Brandão, o sr. D. João d'Amorim Pessoa.

(Apoiados.) que não ouvem as nossas acusações e que nesta casa não constituiram nem advogado nem procurador para ou defender a sua innocencia, se realmente são innocentes, ou para pelo menos attenuar a gravidade das suas culpas, se de feito algumas culpas tem. (c)

Eu não podia, portanto, nem tomar a defeza nem tentar a accusação do illustre prelado bracarense, porque o meu diploma não me dá competencia para o julgar. Mas quando a camara se julgasse competente para lavrar sentenças de condemnação ou absolvição para as auctoridades ecclesiasticas, eu n'este pleito ter-me-ia de averbar de suspeito. (d)

Fui discipulo do actual prelado bracarense nas aulas da universidade, da qual me recordarei sempre com saudade; mais tarde fui seu collega no magisterio, e ultimamente era seu subordinado na regencia do bispado de Aveiro. Hoje tenho pelo illustre arcebispo a consideração devida ao seu merecimento, aos seus longos serviços, á sua posição e á sua idade.

E' muito difficil governar homens, e muito mais difficil o dirigir consciencias. Por experiencia propria o sei. Regi por espaço de dez annos a diocese de Aveiro. E sei-o tão bem que, quando deixei Aveiro, desde logo tomei o proposito firme e inabalavel e do qual nenhuma consideração me pôde afastar, de nunca mais tornar a governar bispado algum. E, comtudo, o bispado de Aveiro é pequeno e microscopico, comparado com a grandeza collossal da archidiocese de Braga, que tem subordinada á sua jurisdicção talvez a terça parte do numero total das freguezias do paiz, e que além d'isso administra apostolicamente por delegados seus as dioceses de Pinhel e Aveiro.

Calculo as tribulações e amarguras por que tem de passar qualquer prelado de Braga; imagino a grandeza dos obstaculos e tropeços que elle tem de encontrar no desempenho das suas altissimas funcções, e não me admiro de que o actual tenha de lutar com grandes attrictos e muitas difficuldades. (e)

Frei Caetano Brandão, cujas virtudes, illustração e espirito elevadissimo tem sido muitas vezes commemorados n'esta casa, passou uma vida retalhada de desgostos profundos.

Conheço bem, e devo confessal-o para ser justo, que esse prelado-modelo empreendeu e levou a cabo reformas importantes no seu bispado, reformas giganteadas e collossaes, com que não podem comparar-se as que se tentaram depois da sua morte; reformas que principalmente tendiam a pôr cobro a abusos inveterados e profundamente enraizados, a abusos que nunca cedem sem resistir, e que incommodam e atormentam sempre quem os pretende matar. (Apoiados.)

Mas, fr. Caetano Brandão prestou serviços relevantes á religião, á patria e ao progresso, e nem com esses titulos que elle conquistára para a estima de todos logrou

(c) Estamos d'accordo, mas se o sr. arcebispo primaz, deixa correr á revelia a sua causa, a moralidade publica tambem deve ter nos srs. deputados advogados zelosos.

(d) E' digno do nobre character do illustre deputado esta isempção, que tambem se harmonisa com a que mostraram outros srs. deputados ecclesiasticos, que n'este pleito preferiram um silencio respeitoso, a uma adulação baixa e impropria de todo o homem que tem a consciencia do que val e que não deseja que os outros suspeitem, que algumas vezes a sua palavra é mercenaria,

(e) E' verdade; mas s. ex.^a não venceu essas difficuldades, augmentando escandalosamente as tabellas dos seus emolumentos, nem negando o direito de defeza aos seus subditos, nem abrindo devassas secretas, nem creando espões prestacionados, nem finalmente maculando falsamente o credito e o bom nome de ecclesiasticos instruidos e dignos.

desarmar os descontentes e fazer emmudecer os seus inimigos. (f)

Já pensei e cheguei até a convencer-me de que a guerra que se movia ao actual prelado de Braga era precedida de odios partidarios; mas, hoje, tenho de mim para mim, que o illustre arcebispo primaz não se mette em politica. Longe d'isso, elle é o primeiro a aconselhar, a pedir e não só a pedir, mas até a ordenar aos padres que lhe estão subordinados que se abstenham cuidadosamente das luctas partidarias. (g)

Não discuto aqui, n'este momento, o direito com que assim procede; registro apenas o facto, e tiro d'elle argumento para concluir que o illustre prelado bracarense não se mette em politica.

A maneira por que os actos de s. ex.^a têm sido apreciados na imprensa ainda mais me convence d'isto. A administração do illustre arcebispo tem soffrido uma critica acerba, severa, violenta e por vezes virulenta, não de um ou de outro jornal, d'esta ou d'aquella parcialidade, mas dos jornaes de todas as parcialidades politicas. Os unicos jornaes que o têm poupado são os jornaes republicanos; mas não posso acreditar que s. ex.^a favoreça a politica republicana, desde que vi na ultima sessão o sr. Rodrigues de Freitas não ser extremamente amavel para com o illustre prelado bracarense. (h)

O sr. Rodrigues de Freitas:—Apoiado.

O Orador:—O apoiado do meu collega mais me confirma no meu pensar. O sr. Rodrigues de Freitas tambem o não considera como correligionario. Portanto, não posso acreditar...

Uma voz:—É um bom agente eleitoral. (i)

O Orador:—Agente eleitoral! De quem? Dos partidos regenerador e constituinte, que estiveram completamente muros n'esta questão, e que nem uma palavra tiveram para defender o illustre arcebispo? (Apoiados.) (l)

(f) São diferentes os inimigos d'este santo prelado, dos que actualmente accusam o sr. D. João Chrysostomo. Aquelles viam-se lesados nas suas insassiveis ambições, em consequencia das reformas justissimas que aquelle venerando prelado intentou e em grande parte realisou.

Hoje é justamente o contrario, os exploradores ambicionam empunhar o baculo, e os explorados apenas subraçam o breviario.

(g) Está mal informado o sr. Pires de Lima, o sr. arcebispo recommendava durante a administração do sr. Fontes, aos padres que suspeitava serem adversos ao governo, a sua abstenção politica; mas fechava os olhos para quantos excessos e quantas galopinagens praticavam os padres regeneradores. Estava no seu direito, mas devia ser tolerante.

E creia o illustre orador, que lhe havemos de fornecer documentos para lhe provar, o que afirmamos.

(h) Quem semea ventos, colhe tempestades, e estas ainda não rebentaram para o prelado bracarense; affiançamos porém ao illustre orador, que é o proprio primaz, quem as ha de concitar pelo seu orgulho, pela sua avareza, pelo seu espirito vingativo e rancoroso, pelo seu despotismo, e por outro sentimento que calamos, porque repugna crer que elle se aninhe sob um peito em que descança uma cruz.

(i) Apoiado! mil apoiados! que o digam os srs. arcebispos dos Arcos e Monsão, que nas eleições costumam vir receber ao paço archiepiscopal o santo e a senha prelatia.

(l) Dos regeneradores até ao dia em que o sr. Oliveira Valle annunciou a sua interpellação; actualmente dos progressistas, e mais tarde sel-o-ha (agente) de quem estiver no poder.

N. B. para mais esclarecimento dizemos ao sr. dr. Pires de Lima que o sr. D. João Chrysostomo tambem já fôra miguelista, e se s. ex.^a quizer apurar esta verdade consulte o mais antigo publicista da sua terra, que segundo nos disseram, sabe o nome de guerra que o sr. D. João Chrysostomo usara na archimaçonaria de S. Miguel da ala.

Do partido republicano, que o engeita pela boca do sr. Rodrigues de Freitas?

Do partido progressista, ao qual pertence o sr. Oliveira Valle, que o atacou, como pertence tambem o sr. Penha Fortuna, que o defendeu?

Sr. presidente, eu persisto e temo em afirmar que o illustre prelado bracarense não se envolve em questões partidarias.

Apesar de tudo, um facto é incontestavel para mim. O actual prelado de Braga tem soffrido e soffre uma guerra a que não estavam costumados os seus antecessores. Creio que é injusta. Não a sei explicar.

Ao sr. D. João Chrysostomo não faltam nem dotes nem prendas. (m)

Tem intelligencia, tem erudição, tem longa experiencia de reger bispados. Mas o facto dá-se. E' uma infelicidade, como outra qualquer: infelicidade estranha e superior á vontade do illustre prelado, mas infelicidade verdadeira e real.

O illustre prelado bracarense não teve a ventura de conquistar entre os seus diocesanos aquelle numero de sympathias e de affeições que toda a auctoridade, especialmente a que está collocada em logares tão eminentes, precisa necessariamente ter para poder bem desempenhar-se do encargo espinhoso que lhe está commettido. (Apoiados.)

Não quero com isto dizer, que a s. ex.^a faltam predicados necessarios para occupar o logar que occupa. Não. Quem governa não pôde agradar a todos; o illustre arcebispo não agrada a muitos. E o não agradar a muitos é, no caso presente, apenas uma infelicidade, se eu não me engano.

Conheci na universidade de Coimbra muitos estudantes de medicina que revelavam talento pouco vulgar, e que depois no magisterio e na imprensa confirmaram os subidos creditos que haviam conquistado nas aulas. Mas se queriam clinicar ou não encontravam doentes, ou viam morrer os poucos que se confiavam aos seus cuidados. (Riso.)

Infelicidade e nada mais, infelicidade que pôde inspirar compaixão, mas que não merece censuras.

Enfim, estamos n'um seculo e n'um paiz em que a opinião publica é um esteio indispensavel para toda e qualquer auctoridade. Quem a não tem a seu favor, encontra sempre diante de si tropeços e obstaculos, de que muitas vezes não podem triumphar, nem a vontade a mais energica, nem o talento o mais robusto, nem o merecimento mais solido. (Apoiados.)

Quem perdeu, por culpa ou sem culpa, o prestigio que ella e só ella dá, o que deve fazer?

Não sou competente para dar conselhos. Não tenho competencia, nem auctoridade para isso. Ha casos em que o melhor é receber cada um conselho das inspirações da propria consciencia e da consideração attenta das circumstancias em que se encontra. (n)

Tenho dito.

(m) Em alfaias ricas, calices d'ouro, preciosos brilhantes, formosas esmeraldas, custosas escripturas, damascos etc. etc. n'isso abunda o sr. arcebispo de Braga. Outras prendas não lhe conhecemos, a não ser, segundo alguém nos informou, a de bom tocador de fígle ou trompa quando fôra regente ou figura d'uma banda musical do Cantanhede.

(n) Esses salutaes conselhos aproveitam unicamente aos caracteres de provada abnegação e reconhecido desinteresse.

Os que são idolatras do beserro d'ouro, esses até esperam que cheguem os Moisés para o derreter e dar-lh'o a beber, porque só d'este modo entendem satisfazer a sua insaciavel soffreguidão.

Este jornal está habilitado em conformidade com a lei